

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

PRAZER EM PAUTA

Perfil no Instagram para desmistificar o prazer sexual feminino

Pietra Estevão Dorneles

Campo Grande
Novembro / 2025



PRAZER EM PAUTA

Perfil no Instagram para desmistificar o prazer sexual feminino

Pietra Estevão Dorneles

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina Projeto Experimental II do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientadora: Profª. Drª. Katarini Miguel

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Título do Trabalho: "Prazer em pauta: Perfil no Instagram para desmistificar o prazer sexual feminino"

Acadêmica: Pietra Estevão Dorneles

Orientadora: Katarini Giroldo Miguel

Data: 27/11/2025

Banca examinadora:

1. Taís Marina Telarolli Fenelon
2. Márcia Paulino da Silva Lopes

Avaliação: (x) Aprovado () Reprovado

Parecer: A banca examinadora destaca a originalidade do trabalho e recomenda a continuidade do perfil jornalístico. Para melhor organização das informações, realizar revisão das legendas conforme orientações.

Campo Grande, 27 de novembro de 2025.

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Katarini Giroldo Miguel, Professora do Magistério Superior**, em 27/11/2025, às 19:21, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Laura Seligman, Coordenador(a) de Curso de Graduação**, em 28/11/2025, às 12:18, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
[https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?
acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código
verificador **6019773** e o código CRC **898800AB**.

COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO (BACHARELADO)

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

Referência: Processo nº 23104.015712/2025-27

SEI nº 6019773



AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, antes de tudo, ao meu maior companheiro durante esses quatro anos de curso, e também da vida, Murilo Medeiros. Por sempre me dar um empurrãozinho quando eu duvidava de mim, por confiar, me incentivar e dividir tudo comigo.

Às grandes amigas que fiz na graduação e que pretendo levar para a vida, Raissa, Ana Beatriz, Lauren, Julia, Maria Gabriela, Milena e Isadora. Esse trabalho também nasceu de muitas trocas e reflexões que tivemos juntas.

E, claro, aos meus pais, Ronaldo e Juliana, e aos meus avós, Cornélio e Lúcia, por fazerem essa graduação possível. Por acreditarem em mim até quando eu mesma duvidei, por se orgulharem das minhas escolhas e me apoiarem incondicionalmente. Esse diploma é, acima de tudo, por eles, que não puderam ter um, mas me ensinaram o valor de buscar. É a concretização dos sonhos que eles plantaram em mim e que agora florescem aqui.

E, por fim, agradeço a mim. Por não desistir e por fazer um trabalho em que acredito, me importo e me identifico.

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



SUMÁRIO

Resumo	5
Introdução	6
1. Atividades desenvolvidas	10
1.1 Execução	11
1.2 Dificuldades encontradas	14
1.3 Objetivos alcançados	15
2. Suportes teóricos adotados	18
Considerações finais	28
Referências	29
Apêndices	37

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



RESUMO:

Este projeto experimental, intitulado ‘Prazer em pauta’, apresenta um perfil jornalístico no Instagram (@prazer.em.pauta) voltado à desmistificação do prazer sexual feminino, desenvolvido para conclusão do Curso de Jornalismo na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). O produto tem como objetivo promover o diálogo sobre sexualidade e autoconhecimento de forma acessível, sensível e informativa. O perfil é composto por séries de vídeos e carrosséis que abordam temas como masturbação, culpa, orgasmo, fetiches e liberdade sexual, por meio de entrevistas com uma especialista, uma fonte personagem, relatos e dados sobre o tema. O conteúdo foi elaborado a partir de pesquisa bibliográfica e documental, além da coleta de relatos por formulário on-line e entrevistas em vídeo com personagem e profissional da área da sexualidade. A proposta combina apuração jornalística e linguagem digital, explorando o potencial educativo e interativo das redes sociais. O produto busca contribuir para a construção de um espaço de escuta, acolhimento e circulação de informações confiáveis sobre o prazer e o corpo feminino.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; jornalismo digital; sexualidade feminina; prazer; Instagram; feminismo.



INTRODUÇÃO

O projeto partiu da percepção de que, mesmo com o avanço das discussões de gênero e feminismo, o prazer feminino ainda ocupa um lugar marginalizado nas conversas públicas e nos espaços de mídia. Quando se fala sobre mulheres, a ênfase costuma recair sobre a dor, a violência e as ausências, questões legítimas e urgentes, mas que não devem diminuir o direito ao prazer. Prazer em pauta nasceu, portanto, da vontade de discutir a sexualidade feminina sob um viés de liberdade, autoconhecimento e bem-estar, mostrando que o prazer também é parte da luta por autonomia e saúde.

A construção social da sexualidade feminina e a relação das mulheres com seus corpos e desejos são historicamente marcadas por silenciamento, controle e invisibilização.

Isso porque, historicamente, os corpos femininos foram alvos de controle e moralidades que não foram percebidas de igual forma nos corpos masculinos, fato que evidencia a reprodução de papéis de gênero, principalmente na dicotomia entre masculino (livre) e feminino (controlado) (De Oliveira, 2023, p. 100).

Ao longo da história, a autonomia feminina foi limitada e o corpo da mulher reduzido ao papel reprodutivo. Federici (2004) explica que, com o surgimento do capitalismo, o corpo feminino passou a ser disciplinado para atender às exigências da produção e da reprodução, reforçando a subordinação e restringindo a liberdade sobre o próprio corpo.

Essa cultura patriarcal ainda faz com que mulheres cresçam desconectadas de si mesmas e reprimam seus desejos, seja por vergonha, culpa ou desinformação. Simone de Beauvoir (1970) já apontava que a mulher é construída socialmente como “o segundo sexo”, destinada a ocupar um lugar subordinado e definido em função do homem. Pensar a educação sexual, portanto, não apenas como prevenção de doenças ou gravidez indesejada, mas também como um processo de aprendizado sobre prazer, torna-se essencial. A falta de informação sobre o prazer feminino



contribui para experiências sexuais frustrantes, baixa autoestima e dificuldade em alcançar o orgasmo (Oliveira; Gonçalves; Rezende, 2017).

O prazer, segundo Brown (2019), pode ser compreendido como uma ferramenta política e transformadora: um processo de cura e reconstrução no qual mulheres recuperam sua integridade e satisfação frente às opressões históricas que as afastaram de seus corpos. Essas constatações reforçam a importância de desenvolver um produto jornalístico que unisse informação, sensibilidade e linguagem acessível, especialmente em um ambiente de grande alcance e engajamento como o Instagram.

Durante a graduação, realizei outros trabalhos voltados à pauta de gênero e sexualidade, o que despertou ainda mais o desejo de explorar esse assunto com profundidade. Esse projeto vem da vontade de que mais mulheres pudessem se sentir livres para experienciar o prazer de forma plena e sem culpa, legitimando suas próprias sensações e desejos.

O perfil @prazer.em.pauta foi pensado para unir a leveza e a espontaneidade das redes com a apuração jornalística e o compromisso informativo. A proposta é adotar um tom de conversa, com linguagem simples, estética sensível e abordagem acolhedora, para que o público se sinta à vontade ao consumir o conteúdo. O formato visual do Instagram foi explorado estrategicamente, aproveitando suas possibilidades narrativas e interativas, como carrosséis, stories e reels, para criar um espaço seguro e convidativo para falar de prazer.

O produto é composto por diferentes tipos de conteúdos, divididos em quadros temáticos. O primeiro, chamado *Na Ponta da Língua*, reúne vídeos com a sexóloga, terapeuta tântrica e dona de sex shop entrevistada, que responde perguntas e comenta respostas do formulário on-line sobre prazer sexual feminino. O nome do quadro faz alusão direta à ideia de “falar abertamente”, colocar em palavras o que por muito tempo foi silenciado. Ao mesmo tempo, o trocadilho com o “prazer na ponta da língua” reforça o tom leve e provocativo do projeto, que busca naturalizar o tema e aproximá-lo da linguagem cotidiana.



O segundo quadro, *Toca no Assunto*, traz uma abordagem mais pessoal e narrativa. Nele, foram produzidos dois vídeos com uma mulher de 73 anos, que fala abertamente sobre suas vivências e descobertas relacionadas à sexualidade ao longo da vida. O quadro também inclui dois carrosséis de cards que analisam as respostas do formulário on-line, sendo um de caráter quantitativo e outro qualitativo, voltado à reflexão sobre as percepções, culpas e experiências relatadas por outras mulheres. O nome *Toca no Assunto* também carrega duplo sentido: ao mesmo tempo em que significa “entrar num tema delicado”, faz referência ao autotoque, que é uma prática central na vivência do prazer feminino.

Além disso, o perfil foi lançado com um vídeo de apresentação, gravado por mim mesma, de forma simples e direta, com o objetivo de transmitir proximidade e autenticidade. O vídeo foi pensado como uma espécie de convite, uma conversa inicial para apresentar o propósito do projeto e convidar outras mulheres a participarem. O conteúdo é complementado por um carrossel de cards que contextualiza historicamente o prazer sexual feminino, mostrando como ele foi silenciado, reprimido e politizado ao longo do tempo.

A escolha por gravar os vídeos em ambientes externos também foi intencional: falar sobre prazer em espaços abertos simboliza a naturalização do tema, retirando-o do ambiente privado e devolvendo-o à esfera pública e cotidiana. Essa decisão estética e narrativa reforça a proposta de tratar o prazer com naturalidade, quebrando o estigma de que ele deve ser escondido. Os vídeos foram editados no formato de “cortes de entrevista”, sem passagens ou narrações em off. Essa escolha estética e narrativa reforça a sensação de naturalidade e de diálogo, rompendo com o formato tradicional de reportagem e adotando uma linguagem mais próxima do público das redes sociais. A leveza e escolha de um tom não impositivo, presentes nas falas, na estética das artes e na edição dos vídeos, são para que o perfil fosse percebido como algo natural, instigante, interessante e livre, que é como o prazer deveria ser.

Todo o conteúdo foi elaborado com base em pesquisa bibliográfica e documental, além da coleta de relatos e entrevistas em vídeo. A produção buscou equilibrar o caráter jornalístico com a



leveza das redes sociais, adotando uma estética que traduz o tema de forma sensível e próxima. O projeto, portanto, se insere na intersecção entre jornalismo de comportamento e jornalismo de opinião, utilizando a credibilidade jornalística para tratar de forma empática um tema íntimo e socialmente relevante. Assim, o trabalho reafirma o papel do jornalismo como ferramenta de transformação social, capaz de introduzir conversas necessárias e humanizar temas que ainda são tratados com vergonha ou silêncio.

O produto está hospedado na plataforma Instagram e pode ser acessado por meio do link:
<https://www.instagram.com/prazer.em.pauta/>



1- ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

- Elaboração do pré projeto;
- Pesquisa documental e bibliográfica;
- Divulgação do formulário;
- Análise e curadoria das respostas do formulário;
- Pesquisa sobre as fontes e criação de roteiro para entrevistas semiestruturadas;
- Realização das entrevistas e captação do material audiovisual;
- Decupagem das entrevistas;
- Seleção do material das entrevistas e instrução para a edição dos vídeos;
- Roteirização e gravação do vídeo de apresentação;
- Planejamento do conteúdo em texto dos carrosséis de postagens;
- Criação do perfil;
- Realização das postagens;
- Produção do relatório final.



1.1 Execução:

A execução do projeto Prazer em pauta foi estruturada em etapas que abrangeram desde a pesquisa inicial até a produção e publicação dos conteúdos no perfil do Instagram. O processo envolveu levantamento teórico, sondagem com o público, entrevistas audiovisuais, edição e curadoria final do material.

Antes da produção, foi realizada uma ampla pesquisa de referências visuais e de conteúdo, a fim de definir a linguagem estética e editorial do perfil. Entre as principais inspirações esteve o quadro *SOS Tesão*, da criadora de conteúdo Marcela Gowan, no TikTok¹, cujo tom descontraído e educativo serviu de base para o estilo desejado: um jornalismo de comportamento, visualmente atraente e próximo da linguagem das redes.

Em seguida, foi elaborado o formulário “Prazer Feminino”, nos apêndices, com o objetivo de compreender percepções, experiências e descobertas de mulheres sobre prazer e sexualidade. As perguntas, revisadas pela professora orientadora, Katarini, buscavam explorar como as mulheres percebem o próprio corpo, o autotoque, o orgasmo e os sentimentos associados ao prazer, além de identificar dúvidas e tabus ainda presentes no cotidiano. O formulário, divulgado entre 2 e 14 de outubro de 2025, reuniu 28 respostas de participantes de diferentes idades (entre 19 e 33 anos), alcançadas por meio de divulgação pelo Instagram e por compartilhamentos pessoais (“boca a boca”). As respostas se destacaram pela qualidade e riqueza das narrativas, demonstrando sinceridade e engajamento.

Após o período de coleta, foi realizada uma curadoria das respostas, com a seleção de relatos e dúvidas mais significativas. Esses conteúdos serviram de base para a elaboração dos roteiros de entrevistas e também para a criação dos carrosséis de análise, um de caráter quantitativo e outro qualitativo, que compõem o quadro *Toca no Assunto*.

¹Disponível em: https://www.tiktok.com/@marcelagowan?_r=1&_t=ZS-91LgdIpAIUe. Acesso em 12 de nov. de 2025.



Na sequência, iniciou-se a pesquisa por fontes especializadas que pudessem contribuir para o projeto. Foram considerados critérios como atuação profissional, representatividade e identificação com o tema. A partir dessa busca, foi selecionada Lauanne Martins, sexóloga, terapeuta tântrica e dona de sex shop, mulher negra de 30 anos. O contato foi feito pelo instagram, apresentei a proposta e marquei a entrevista na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). O roteiro de perguntas, também revisado pela professora orientadora, buscou abordar questões relacionadas à repressão sexual feminina, à importância do autoconhecimento, ao papel da masturbação e às barreiras emocionais e culturais que dificultam o prazer das mulheres. A entrevista teve duração aproximada de uma hora e foi gravada com o auxílio de tripé e microfone de lapela, emprestados de colegas, e filmada com o meu celular. Foi solicitado à entrevistada que levasse um brinquedo sexual, a fim de abordar o tema de forma mais prática e descontraída, sobre o uso desses objetos e reforçando a proposta de naturalizar o prazer.

Outra entrevista foi realizada com Helena Ramos, 73 anos, personagem que já havia participado de um projeto anterior da minha graduação. A escolha da personagem se deu pela espontaneidade e liberdade com que fala sobre a própria sexualidade. A gravação seguiu o mesmo formato técnico da entrevista com a especialista, priorizando um ambiente natural e conversa fluida.

Concluídas as entrevistas, foi realizada a decupagem do material, com a seleção dos trechos mais relevantes. A partir dessa etapa, consultei a orientadora para definir critérios de duração, ritmo e pertinência de conteúdo, a fim de escolher os cortes que se encaixariam melhor no formato final. O conteúdo audiovisual foi então encaminhado para Isadora Vasconcelos, profissional responsável pela edição. A escolha por Isadora ocorreu por já existir uma relação de confiança e afinidade estética entre nós duas, o que garantiu que a edição refletisse a identidade visual e conceitual do projeto.

Uma pasta de referências visuais foi compartilhada com a editora, contendo exemplos de cores, estilos e formatos. A identidade visual foi definida a partir de uma paleta em tons de

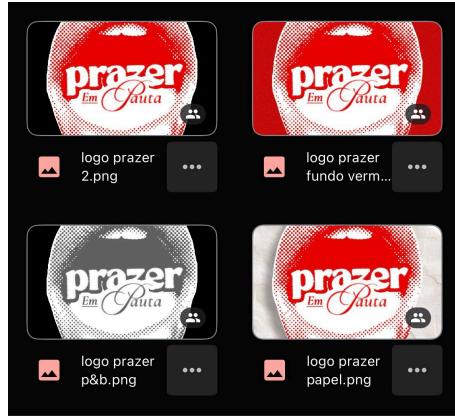


vermelho, cor que remete à energia, ao corpo e ao prazer, criando uma estética marcante, mas leve e instigante. Também foi orientado que o banco de imagens incluísse diversidade de corpos e tons de pele, reforçando a representatividade e o caráter inclusivo do projeto. Procurei que o resultado final tivesse ritmo dinâmico, linguagem acessível e aparência divertida, evitando um tom militante ou excessivamente formal, para manter a proposta de um conteúdo leve e prazeroso.

Durante a edição, foram enviadas instruções detalhadas sobre as minutagens e cortes principais de cada entrevista, além de orientações sobre ritmo e contextualização. As diretrizes incluíam o uso de textos na tela quando necessário, closes na entrevistada, inserções visuais (como prints, ilustrações e referências citadas) e liberdade criativa para ajustes de cor, iluminação e enquadramento. O objetivo era garantir que os vídeos mantivessem um formato de “cortes de entrevista”, diretos, espontâneos e contextualizados apenas quando essencial, sem a necessidade de passagens ou narrações em off.

Paralelamente à edição, foi desenvolvido o vídeo de apresentação do perfil, gravado por mim mesma com o celular. A proposta foi criar uma conversa intimista e direta, em tom pessoal e acolhedor, para introduzir o projeto e convidar o público à reflexão. O vídeo recebeu uma edição simples, com vinheta, elementos gráficos e efeitos sonoros sutis. Cada versão passou por revisões e feedbacks até chegar ao resultado final desejado.

Também realizei o planejamento dos carrosséis informativos, baseados em pesquisas teóricas realizadas durante o pré-projeto, especialmente sobre o contexto histórico da repressão sexual feminina. Os textos foram revisados pela professora orientadora e encaminhados à Isadora, que desenvolveu as artes visuais. Após ajustes e aprovações, foram definidos os padrões de estética e tipografia do perfil.



A escolha dos lábios como elemento principal remete ao corpo feminino e à fala, dois espaços historicamente controlados, censurados ou reduzidos ao desejo masculino. Aqui, a boca aparece aberta, em destaque, simbolizando voz, expressão e desejo, reforçando que mulheres podem e devem falar sobre prazer a partir de si mesmas. O efeito gráfico pontilhado cria uma estética que mistura sensualidade e linguagem pop, evocando tanto a cultura visual feminista quanto referências jornalísticas e impressas, aproximando o projeto de sua proposta informativa.

O vermelho intenso foi escolhido por sua associação direta ao desejo, ao corpo, à energia vital e ao protagonismo. Além disso, a cor carrega força política, remetendo a movimentos feministas que reivindicam autonomia sexual e direitos reprodutivos. É uma cor que convoca, chama atenção e afirma presença, como o projeto pretende fazer nas redes. A tipografia articula duas dimensões fundamentais do projeto: a palavra “prazer”, em fonte mais encorpada e de impacto, evidencia o tema principal, rompendo a lógica de esconder, suavizar ou minimizar o assunto; o termo “Em Pauta”, com uma tipografia mais fluida e elegante, remete ao campo jornalístico, reforçando o caráter informativo do perfil.

Para a divulgação e engajamento, criei uma foto de perfil provisória no Canva, possibilitando a abertura antecipada do perfil no Instagram e a divulgação do formulário de sondagem. A decisão de manter o perfil público desde o início foi estratégica, visando ampliar o alcance e testar o engajamento com o público. Além disso, foram feitos stories improvisados



mostrando partes do processo de produção, explorando as ferramentas da plataforma e estimulando a interação com as seguidoras.

Por fim, após a aprovação dos conteúdos, foram planejadas legendas para cada publicação, com linguagem leve, informativa e convidativa. Optei por postar os vídeos e carrosséis de forma gradual, para manter a constância e o engajamento. As postagens receberam boa resposta do público, com interações positivas, comentários e compartilhamentos, o que reforçou o potencial do tema e o impacto da abordagem escolhida.

Todo o processo foi acompanhado pela professora orientadora, que supervisionou as decisões de pauta, estética e estrutura narrativa. A cada etapa, buscou-se garantir que o produto mantivesse coerência com os objetivos do projeto: criar um espaço informativo, acolhedor e livre, que transformasse o prazer feminino em pauta, no sentido mais simbólico e concreto da expressão. Foram produzidos para apresentação 10 conteúdos, sendo 3 carrosséis de artes gráficas e 7 vídeos, considerando ainda o potencial de atualização constante da rede social.

O nome “Prazer em pauta” une o jornalismo ao tema central do projeto. A palavra “pauta” representa o ato de escolher o que merece ser contado, discutido e investigado. Colocar o prazer em pauta é, portanto, um gesto simbólico e político: significa tornar visível um tema historicamente silenciado, reconhecendo-o como digno de atenção, apuração e debate público. A expressão também provoca uma mudança de olhar, em vez de tratar o prazer como tabu, passa a colocá-lo em um lugar legítimo dentro da comunicação, da informação e do jornalismo. O nome sintetiza o propósito do perfil: levar o prazer feminino para o centro da conversa.

1.2 Dificuldades Encontradas

A principal delas esteve relacionada à produção audiovisual voltada para redes sociais. Embora o formato de vídeos curtos seja hoje um dos mais relevantes e demandados no mercado da comunicação, ele ainda é pouco explorado na graduação em Jornalismo, especialmente no que



diz respeito às linguagens, dinâmicas e especificidades das plataformas digitais. Assim, grande parte das decisões sobre enquadramento, ritmo, formato e narrativa dos vídeos precisou ser tomada com base em referências externas e no meu próprio repertório prático adquirido, o que demandou experimentação e pesquisa autônoma.

Essa ausência de formação mais direcionada à produção de conteúdo multiplataforma e às ferramentas de edição acessíveis dificultou o processo inicial de execução, principalmente no momento de adaptar um conteúdo jornalístico, geralmente mais extenso e analítico, para a linguagem sintética, direta e visual das redes. A criação de roteiros curtos, a escolha dos cortes e a definição da identidade estética exigiram um aprendizado empírico e um processo de tentativa e erro até alcançar o resultado desejado.

Outra dificuldade prática esteve relacionada à infraestrutura técnica. O curso não dispõe de equipamentos audiovisuais suficientes para atender a projetos experimentais como o proposto, o que levou à necessidade de buscar empréstimos com colegas para realizar as gravações. O uso de recursos próprios, como o celular para filmagem e um microfone de lapela emprestado, exigiu improvisação e adaptação das condições de captação, especialmente pelas entrevistas em ambientes externos.

1.3 Objetivos Alcançados

O projeto teve como objetivo geral a produção de um perfil jornalístico no Instagram que abordasse o prazer sexual feminino de maneira acessível, sensível e informativa, com base em investigação, apuração e produção de conteúdo fundamentado em dados, entrevistas e relatos. De modo geral, esse objetivo foi atingido, resultando em um produto coerente com a proposta inicial e alinhado à linguagem das redes sociais.



O perfil foi efetivamente criado, e seus conteúdos, compostos por vídeos e carrosséis, abordaram o prazer feminino sob diferentes perspectivas: histórica, social e pessoal. As entrevistas e relatos coletados foram transformados em materiais curtos e dinâmicos, permitindo a disseminação de informações relevantes com linguagem acessível, conforme planejado. A escolha por um formato de jornalismo de comportamento, aliado à estética leve e acolhedora, também contribuiu para atingir o público de forma mais próxima e empática, cumprindo a proposta de tratar o prazer como tema legítimo, e não como tabu.

Entre os objetivos específicos, todos foram cumpridos:

Relatar como as mulheres vivenciam o prazer sexual e a masturbação: esse objetivo foi atendido por meio das entrevistas com a sexóloga Lauane Martins e com a personagem Elena Ramos, além dos relatos obtidos pelo formulário. As falas reunidas trouxeram diversidade de experiências, gerações e percepções sobre o prazer, ampliando a representatividade e a riqueza narrativa do projeto.

Expor os principais mitos e dificuldades relacionados ao prazer sexual feminino: esse ponto foi contemplado tanto nos vídeos quanto nos carrosséis informativos. As falas das entrevistadas e as respostas do formulário evidenciaram sentimentos de culpa, repressão e desconhecimento sobre o corpo, que foram trabalhados no perfil, com o intuito de desmistificar e naturalizar o tema.

Divulgar dados, relatos e informações sobre sexualidade feminina: esse objetivo foi concretizado com base na pesquisa bibliográfica, no levantamento de dados e nas análises feitas a partir da sondagem. O projeto se apoiou em fontes confiáveis, estudos recentes e relatos reais, traduzidos em conteúdos que equilibram informação e leveza.

Analizar formas de abordar o prazer feminino de maneira clara e acessível: o próprio desenvolvimento do produto possibilitou essa análise prática. A escolha pela linguagem direta, pelo formato de cortes de entrevista e pela estética visual envolvente mostrou-se eficaz para



18

alcançar um público mais amplo, especialmente nas redes sociais, demonstrando que é possível tratar o prazer com seriedade, mas também com naturalidade.

Apesar de pequenos ajustes de planejamento durante a execução, como a adaptação da linguagem e o refinamento dos roteiros, o projeto manteve fidelidade aos objetivos originais e conseguiu traduzir, em produto, a proposta de promover o prazer feminino como pauta social e comunicacional.



2 SUPORTES TEÓRICOS ADOTADOS:

2.1 Sexualidade Feminina: construção histórica e controle social

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2015), reconhecer e valorizar a diversidade de expressões sexuais é fundamental para o bem-estar e a saúde geral das pessoas. Para a entidade, “tornou-se claro que a sexualidade humana inclui diversas formas de comportamentos e expressões e que o reconhecimento da diversidade de comportamentos e expressões sexuais contribui para a sensação geral de bem-estar e saúde das pessoas” (OMS, 2015, p. 10).

Historicamente, a vivência da sexualidade das mulheres foi marcada por discursos de repressão e controle. Conforme argumenta Beauvoir (1970), a mulher foi posicionada como o ‘Outro’ em relação ao homem, ou seja, como um ser definido não por si mesma, mas em função da alteridade masculina. “A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele” (Beauvoir, 1970, p. 10). Essa condição relegou a mulher a um lugar de subordinação, no qual sua sexualidade foi silenciada, domesticada ou politizada, demonstrando como o discurso dominante negava à mulher o direito de se reconhecer como sujeito sexual.

A tradição judaico-cristã reforçou ainda mais essa subordinação ao associar o corpo feminino à culpa e ao pecado. A imagem de Eva como responsável pela queda da humanidade foi amplamente utilizada para justificar a vigilância e o controle sobre a sexualidade das mulheres (Beauvoir, 1970). Colling (2014), ao analisar a construção histórica do corpo feminino, reforça que a mulher foi sistematicamente excluída do discurso histórico e científico.

A história das mulheres é uma história recente. Elas não poderiam escrever as suas experiências se estavam englobadas em um sujeito único universal, masculino. Tradicionalmente a mulher tem sido ignorada, excluída como objeto histórico [...] Portanto, reescrever a história pressupõe desconfiança em relação às categorias dadas como universais, privilegiando as singularidades, as pluralidades, as diferenças. O simples desejo das mulheres de fazer a sua história é sinal de sua reconciliação com a História, porque a história do gênero feminino é fundamental para se compreender a



história geral (Colling, 2014, p. 12).

Esse cenário evidencia como as práticas discursivas ao longo do tempo moldaram uma representação da mulher marcada pela passividade, pureza e função reprodutiva, em detrimento de sua autonomia e desejo. “A mãe, a esposa dedicada, a ‘rainha do lar’, digna de ser louvada e santificada, uma mulher sublimada; seu contraponto, a Eva, debochada, sensual constitui a vergonha da sociedade” (Colling, 2014, p. 13).

Essa construção simbólica da sexualidade feminina como perigosa ou vergonhosa reforçou a ideia de que o prazer feminino deveria ser ocultado ou negado. Louro (2003) aponta que a distinção de gênero na linguagem e nos discursos científicos contribuiu para consolidar características vistas como ‘naturais’ nas mulheres, quando, na verdade, são historicamente construídas. Isso permitiu que a sexualidade feminina fosse regulada por normas patriarcais que a associavam à moral, ao pecado ou à maternidade, e não ao prazer e ao autoconhecimento. A ideia de que o útero era a sede da ‘histeria’ e que o desejo feminino era uma patologia fez com que a sexualidade da mulher fosse tratada como um problema médico, exigindo controle e normatização (Colling, 2014).

Somente com os avanços das lutas feministas, a partir do século XX, começaram a surgir reivindicações por autonomia corporal e sexual. A liberação do uso de métodos contraceptivos, como a pílula anticoncepcional, disponibilizada comercialmente nos anos 1960, representou um marco importante: pela primeira vez, mulheres puderam decidir sobre a gravidez, separando o sexo da maternidade compulsória. Como destaca Pecinato (2024), a pílula não apenas ofereceu autonomia reprodutiva, mas também simbolizou um avanço fundamental para a emancipação feminina. Outro passo importante nessa trajetória foi a conquista do direito ao divórcio em diversos países. No Brasil, esse direito foi legalizado em 1977, por meio da Lei nº 6.515³, que regulamentou a dissolução do casamento civil. Também foi um passo significativo para que mulheres deixassem relações abusivas e reivindicassem o direito de dizer ‘não’ ao sexo em contextos de opressão conjugal.

Como aponta Colling (2014), compreender o corpo feminino como um texto histórico nos permite desconstruir a noção de uma natureza feminina fixa e perceber que não existe a



mulher idealizada, mas sim relações de poder e representações socialmente construídas. Retomar a história da sexualidade feminina é, portanto, um exercício de reparação e visibilização. Como defende Beauvoir (1967), compreender a opressão histórica das mulheres é essencial para romper com estruturas que ainda hoje negam a elas o direito ao prazer, ao conhecimento de si e à plena vivência da sexualidade. A superação dos discursos tradicionais exige uma reescrita da história das mulheres, na qual elas não sejam mais apenas objeto do olhar masculino, mas protagonistas de suas experiências sexuais e afetivas. Incluir as mulheres nos temas históricos “não diz respeito somente à metade, mas a toda humanidade” (Colling, 2014, p. 15), pois redefine as bases da construção social do gênero e da sexualidade.

2.2 Educação Sexual e Desigualdade de Gênero

A Unesco (2019) define a educação sexual como um aprendizado estruturado que permite que crianças, adolescentes e adultos desenvolvam conhecimentos, atitudes e valores que promovam a saúde, o bem-estar e a dignidade nas relações interpessoais e sexuais. Isso inclui habilidades para se proteger de violências, discriminação, infecções sexualmente transmissíveis e gravidez não planejada. Ela também deve englobar o prazer, o consentimento, a autoestima, o respeito às diversidades e o autoconhecimento corporal.

A educação sexual ainda enfrenta resistência social e política, sendo muitas vezes tratada como um assunto proibido ou inadequado.

A Educação integral em sexualidade desempenha um papel essencial na preparação de jovens para uma vida segura, produtiva e plena para a qual o HIV e a aids, as IST, a gravidez não planejada, VBG e a desigualdade de gênero ainda representam riscos sérios para seu bem-estar. Contudo, apesar das evidências há claras e convincentes acerca dos benefícios da EIS de boa qualidade como parte de seu currículo, poucas crianças e adolescentes recebem preparo para a vida que proporcione o empoderamento necessário para ter controle e tomar decisões conscientes sobre a sexualidade e os relacionamentos livre e de maneira responsável (Unesco, 2019, p. 12).

De acordo com as Orientações Técnicas da Unesco (2019), muitos jovens chegam à vida adulta sem acesso a informações adequadas sobre sexualidade devido ao silêncio e ao constrangimento de adultos como pais e professores, bem como a normas sociais e



legislações que dificultam o debate e perpetuam desigualdades de gênero e obstáculos ao planejamento familiar.

A desinformação sobre educação sexual ainda é um obstáculo significativo na formação de jovens. Como mostra Aender, Ruas e Graças (2023), o tema segue cercado por preconceitos e desinformação, tanto no ambiente escolar quanto familiar, contribuindo para que adolescentes cresçam com dúvidas sobre o próprio corpo, métodos contraceptivos, ISTs e consentimento. Muitos pais evitam abordar a sexualidade com os filhos por acreditarem que isso anteciparia a prática sexual, o que acaba reforçando tabus e inseguranças (Aender, Ruas e Graças, 2023). O resultado é um cenário de vulnerabilidade que expõe jovens a riscos e reforça desigualdades no acesso ao conhecimento sobre o corpo e o prazer.

Louro (2003) reforça que tornar visível a mulher, historicamente ocultada, foi um dos maiores objetivos do feminismo. A invisibilização feminina como sujeito da ciência, da política e da sexualidade, reflete uma longa história de exclusão (Louro, 2003). Isso se evidencia, por exemplo, na forma como o prazer sexual feminino foi silenciado ao longo do tempo. O clitóris, único órgão do corpo humano cuja função exclusiva é proporcionar prazer, foi ignorado pela medicina, excluído dos livros escolares e omitido dos discursos sobre sexualidade. Vieira, Schmitt e Tavares (2024) mostram que livros de Biologia do Ensino Médio seguem representando o pênis com detalhes, mas omitem o clitóris ou o reduzem à sua parte externa. Essa lacuna reforça desigualdades e impede o acesso das alunas ao conhecimento sobre o próprio corpo (Vieira et al., 2024).

2.3 Representações do prazer feminino e a masturbação como caminho de autonomia

A representação do prazer sexual feminino na mídia, sobretudo nas revistas voltadas às mulheres, foi historicamente atravessada por mitos, silenciamentos e uma linguagem moralizante. Como mostra Buitoni (2009), por muito tempo, a imprensa feminina tratou o sexo de maneira indireta, velada ou com forte carga normativa, criando uma distância entre a experiência real das mulheres e os modelos midiáticos de sexualidade. Mesmo quando o tema começou a aparecer com mais frequência, especialmente a partir dos anos 1970, ele seguia limitado a um padrão de comportamento orientado ao consumo e à estética corporal, raramente centrado no desejo e na autonomia da mulher.



Buitoni (2009) evidencia como a imprensa feminina reforça o mito do ‘eterno feminino’, atribuindo à mulher características idealizadas como docilidade e pureza, desconectadas de sua subjetividade e contexto histórico. “Um chavão que tenta imobilizar, no tempo, as virtudes ‘clássicas’ da mulher” (Buitoni, 2009, p. 24). Isso se articula à criação do chamado ‘mundo da mulher’, um espaço artificial e descolado da atualidade, onde temas como o prazer são moldados por expectativas alheias. “Tenta-se criar um mundo da mulher para que ela fique só dentro dele e não saia” (Buitoni, 2009, p. 24).

Ainda hoje, os ecos desses discursos moralizantes e normativos se refletem nas dificuldades que muitas mulheres encontram para se apropriar de sua sexualidade. O prazer continua sendo representado, muitas vezes, como algo condicionado ao outro, principalmente em contextos heterossexuais, e não como uma vivência individual, sensorial e legítima. Nesse cenário, práticas como a masturbação feminina seguem cercadas de tabus, apesar de seu potencial transformador para a construção de uma sexualidade autônoma e consciente.

Atualmente, a masturbação é reconhecida pela ciência e pela sociedade mais esclarecida, como uma prática que ajuda as mulheres a conhecer e valorizar seus corpos, a identificar seus limites e pontos mais sensíveis, a ter mais autonomia e empoderamento no âmbito sexual, podendo conhecer seus pontos erógenos (Marcon, 2022, p. 39).

A masturbação feminina permanece como um dos maiores tabus da sociedade ocidental (Marcon, 2022). “Abordar o tema da masturbação causa um conjunto de sentimentos e emoções, como vergonha, sentir-se em pecado, medo, pudor, constrangimento, entre outros, principalmente a masturbação feminina” (Marcon, 2022, p.35). Entretanto, a autora aponta a masturbação como uma das ferramentas mais potentes de autoconhecimento corporal, emocional e sexual.

Embora descobrir o próprio corpo por meio do auto-toque seja saudável e natural, muitas mulheres não têm essa oportunidade ao longo da vida. Isso se deve, em grande parte, à ausência de educação sexual adequada e à repressão histórica que cerca o tema, dificultando a liberdade para falar e vivenciar a própria sexualidade. Naturalizar a masturbação, portanto, é um passo importante para romper com mitos e tabus que a cercam



(Marcon, 2022).

A ginecologista e sexóloga Carolina Ambrogini afirma que uma vida sexual satisfatória passa pelo reconhecimento dos próprios desejos e zonas de prazer, e que a auto manipulação direta dos genitais é parte essencial desse processo. “A masturbação traz um grande aprendizado sobre a própria sexualidade, é quando você vai se descobrindo, percebendo se gosta de determinados toques. E é também um ótimo exercício para a construção de fantasias” (Ambrogini apud Faria, 2025, online). Ainda segundo a médica, dar asas à imaginação é fundamental, especialmente para as mulheres, que historicamente cresceram com pouco repertório sexual, ao contrário dos homens.

A terapeuta Nathalie Raibolt, reforça que a masturbação contribui diretamente para a saúde sexual e o bem-estar emocional das mulheres. “Existe ali um processo de conhecimento do próprio corpo, de prazer com o próprio corpo, há uma sensação de bem-estar. A gente promove a saúde sexual também através da masturbação” (Raibolt apud Faria, 2025, online). Ter noção do que gera excitação e orgasmo, como pontuam as especialistas, é fundamental para evitar frustrações e desenvolver uma vivência sexual mais autônoma e consciente. Assim, a masturbação feminina pode ser compreendida como uma técnica de autodescoberta que fortalece a conexão corpo-mente e contribui para relações sexuais mais saudáveis e libertadoras (Marcon, 2022).

Além dos benefícios emocionais e de autoconhecimento, o prazer sexual também gera impactos fisiológicos positivos. Durante o ato sexual, e também durante a masturbação, há a liberação de substâncias químicas como a endorfina, conhecida como o hormônio do prazer e da satisfação. Essa substância atua como um analgésico natural, sendo produzida pelo organismo em atividades prazerosas, e tem a capacidade de reduzir a percepção da dor. Com isso, a prática sexual pode não apenas melhorar o humor, mas também promover sensação de bem-estar físico e emocional ao longo do dia (Yagihara, 2019).

Considerando os aspectos emocionais, fisiológicos e subjetivos abordados, fica evidente que a masturbação não é apenas uma prática isolada de prazer, mas um componente estruturante da experiência sexual feminina. Ao favorecer a percepção corporal, a



identificação de zonas erógenas e o desenvolvimento da imaginação erótica, ela se mostra central para uma sexualidade mais consciente e menos condicionada a expectativas externas. Inserir essa discussão nos debates sobre saúde sexual amplia a compreensão sobre o que é satisfação, deslocando o foco da performance e do outro para o próprio corpo e suas sensações.

2.4 Jornalismo digital feminista e redes sociais

O jornalismo digital feminista tem se consolidado como uma alternativa complementar às narrativas tradicionais, ampliando os modos de produção e circulação de informação. Como apontam Viana, Lima e Soares (2023), perfis jornalísticos criados por mulheres em redes sociais constituem espaços potentes de empoderamento e construção de sentido a partir de uma perspectiva de gênero. Isso não representa uma substituição das práticas jornalísticas convencionais, mas sim uma reconfiguração que incorpora escuta, afetividade e compromisso ético com as fontes como elementos estruturantes da narrativa.

A presença do jornalismo nas redes sociais não representa apenas uma migração de plataforma, mas uma transformação estrutural na maneira de produzir, distribuir e consumir informações (Nunes, 2018). O Instagram tem sido cada vez mais explorado como plataforma para práticas jornalísticas, destacando-se por sua capacidade de adaptação ao formato visual, dinâmico e interativo da era digital (Moraes, 2021). É fundamental compreender as especificidades dessa plataforma e o modo como o jornalismo se adapta ao ambiente digital, mantendo sua função de informar com ética, verificação e responsabilidade.

Ao pensar em um produto jornalístico em formato variado no Instagram, é necessário considerar as dinâmicas do jornalismo digital e das redes sociais. A plataforma favorece conteúdos audiovisuais curtos, com linguagem direta, estética visual atrativa e alta capacidade de engajamento. Nesse contexto, a noção de convergência de mídias, proposta por Jenkins (2006), continua pertinente: diferentes formatos como vídeos, textos, artes gráficas e *stories*, podem ser utilizados de maneira complementar dentro da mesma plataforma, ampliando as possibilidades narrativas e mantendo a coerência editorial e o



compromisso com a qualidade da informação.

O uso de vídeos em redes sociais, especialmente em plataformas como o Instagram, apresenta características próprias que potencializam o jornalismo digital (Nunes, 2018). Vídeos curtos e dinâmicos favorecem a rápida circulação da informação, o engajamento do público e a facilidade de compartilhamento (Moraes, 2021). Além disso, o formato audiovisual possibilita uma comunicação mais próxima e humanizada, combinando imagem, som e texto para amplificar a mensagem jornalística. Essa especificidade contribui para a construção de narrativas mais impactantes e acessíveis, especialmente para públicos jovens e conectados, que consomem informação de forma rápida e fragmentada. Dessa forma, o vídeo se torna ferramenta estratégica para aproximar o jornalismo da audiência e fortalecer o papel das redes sociais como ambientes centrais de circulação informativa.

De acordo com o relatório Digital News Report², há uma crescente importância das plataformas digitais no consumo e na produção de notícias, especialmente mídias sociais mais visuais e focadas em vídeo, como TikTok, Instagram e YouTube. O domínio da televisão aberta no mercado de mídia brasileiro, que durou décadas, vem sendo desafiado à medida que o público consome cada vez mais conteúdos em áudio e vídeo via serviços de streaming. Em muitos países, a mídia jornalística tradicional enfrenta dificuldades para se conectar com uma grande parte do público, sofrendo com o declínio do engajamento, baixa confiança e assinaturas digitais estagnadas. Esses dados reforçam a centralidade das redes digitais como espaços fundamentais para a circulação e produção de notícias, justificando o uso do Instagram como canal jornalístico contemporâneo.

Viegas (2019), mostra que as redes sociais podem ser espaço legítimo para o discurso sobre sexualidade feminina. Em entrevista à autora, Gehring, criadora do perfil ‘Vagina sem neura’, afirma que a página surgiu da necessidade de divulgar informações sobre temas como sexualidade e corpo da mulher, que normalmente ficavam restritos ao consultório. “Eram informações básicas [...] que fazem todo o diferencial na vida dessas mulheres” (Gehring apud Viegas, 2019, p. 8).

² Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2025/dnr-executive-summary>. Acesso: 16 de jun. 2025



É importante reconhecer, no entanto, que as redes sociais, embora amplamente utilizadas, operam sob lógicas comerciais e moralistas que dificultam a circulação de conteúdos sobre sexualidade. O Instagram, por exemplo, frequentemente censura termos e imagens relacionadas ao corpo feminino, mesmo quando usados em contextos educativos. Isso revela o caráter pouco democrático dessas plataformas, onde algoritmos e políticas opacas limitam a liberdade de expressão e reforçam desigualdades de gênero (Carvalho, 2021; Viegas, 2019).

Viegas (2019) pontua que, mesmo sendo uma plataforma sujeita a censuras e limitações, o Instagram oferece recursos multimodais que “também permitem uma conversação em rede baseada na colaboração entre as mulheres, favorecendo a criação de comunidades de apoio e compartilhamento de experiências” (Viegas, 2019, p. 5). Além de sua potência estética e comunicativa, o Instagram configura-se como ambiente de construção discursiva e de circulação de sentidos. Recuero (2012, apud Viegas, 2019) comprehende as redes sociais digitais como estruturas de interação onde discursos se formam, circulam e são ressignificados constantemente, influenciando as percepções sociais e as práticas culturais.

Diante desse cenário histórico de silenciamento e da desinformação sobre sexualidade, o perfil Prazer em Pauta se apoia diretamente nesse referencial teórico para justificar sua existência e orientar sua prática. As discussões sobre repressão do desejo feminino, apagamento do clitóris, ausência de educação sexual e moralização da masturbação fundamentam a escolha de tratar o prazer como pauta jornalística, colocando-o em evidência como direito, conhecimento e saúde.

Ao mesmo tempo, os estudos sobre jornalismo digital e o potencial das redes sociais mostram que plataformas como o Instagram oferecem condições concretas, linguagem acessível, multimodalidade, interação e construção comunitária, para difundir temas historicamente excluídos. O produto final aproveita essas características para criar um espaço de circulação de informações confiáveis, experiências, relatos e conteúdos jornalísticos. O perfil se constitui, portanto, como uma prática de jornalismo feminista digital que retoma o prazer feminino como assunto legítimo, público e politicamente necessário.



3.CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos demonstram que o projeto alcançou seus objetivos iniciais. O perfil conseguiu promover discussões e despertar interesse sobre um tema ainda envolto em tabus, evidenciado pelo engajamento nas publicações, pelos comentários e pelas interações com o público. A recepção positiva dos conteúdos confirma que há demanda por abordagens informativas e acolhedoras sobre o prazer feminino, especialmente quando veiculadas em formatos curtos e visuais.

Além da relevância comunicacional e social, o projeto proporcionou crescimento pessoal e profissional à mim mesma, que ampliei minhas habilidades em pesquisa, apuração e produção audiovisual. As dificuldades encontradas, especialmente a falta de formação prática em produção de vídeos curtos e de equipamentos próprios, foram superadas por meio de experimentação e aprendizado autônomo, demonstrando capacidade de adaptação e criatividade.

Em síntese, o produto se configura como uma experiência de jornalismo digital feminista, afetivo e informativo, que busca incentivar a relação das mulheres com o próprio prazer. Ao ocupar o espaço das redes sociais com informação e leveza, o projeto contribui para o debate sobre sexualidade e liberdade, reafirmando o prazer como parte essencial da saúde e da autonomia feminina. O trabalho demonstra, ainda, que o jornalismo pode e deve ser um instrumento de transformação, capaz de romper silêncios, gerar identificação e promover conhecimento sobre temas que historicamente foram invisibilizados.

Além dos resultados alcançados, é importante destacar que Prazer em Pauta não se encerra como um trabalho pontual. Por ser um tema que atravessa minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional, o perfil se apresenta como um projeto vivo, com potencial de continuidade e expansão. As interações com o público, as demandas surgidas ao longo da produção e a relevância social do tema apontam caminhos para aprofundar a discussão sobre prazer feminino também após o TCC, transformando o perfil em um espaço permanente de



informação, escuta e diálogo. Assim, o produto final não apenas cumpre sua função dentro da pesquisa, mas se consolida como um ponto de partida para desdobramentos futuros, reforçando meu compromisso em ampliar essa temática de forma ética, acessível e sensível.



4.REFERÊNCIAS

AENDER, G.; SOUZA, M. C.; RUAS, G. **Desinformação da educação sexual: seus impactos na juventude.** *Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre*, [S. l.], v. 1, n. 15, 2023. Disponível em: <https://ueadsl.textolivre.pro.br/index.php/UEADSL/article/view/1135>. Acesso em: 30 jun. 2025.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/03/o-segundo-sexo-2.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2025.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. Disponível em: <https://joaocamillopenna.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/03/beauvoir-o-segundo-sexo-volume-11.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2025.

BRASIL. **Lei nº 6.515, de 26 de dezembro de 1977.** Dispõe sobre os casos de dissolução da sociedade conjugal e do casamento, seus efeitos e dá outras providências. *Planalto.gov.br*, Brasília, 1977. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6515.htm. Acesso em: 9 jun. 2025.

BROWN, Adrienne Maree (org.). **Pleasure Activism: The Politics of Feeling Good.** Chico, CA: AK Press, mar. 2019. Disponível em: https://neeta.works/on-graphic-design/readings/Pleasure_Activism.pdf. Acesso em: 9 jun. 2025.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina.** 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora Contexto, 2009. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/215812538/Mulher-de-Papel>. Acesso em: 30 jun. 2025.

COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história.** Dourados: Editora UFGD, 2014.

FARIA, Ana Elisa. **Como ter uma vida sexual satisfatória na solteirice?** *Gama Revista*, São Paulo, 2025. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/o-que-te-traz-satisfacao/como-ter-uma-vida-sexual-satisfatoria-na-solteirice-solteiro-sexo/>. Acesso em: 12 nov. 2025.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva.** Tradução Coletiva Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017. Disponível em: https://coletivosykorax.org/wp-content/uploads/2019/09/CALIBA_E_A_BRUXA_WEB-1.pdf. Acesso em: 9 jun. 2025.

FREITAS, Nathália Kelen de Sousa; SILVA, Iara Raquel Garcia; FILGUEIRAS, Karina Fideles.



O corpo e a culpa: a construção da sexualidade feminina sob a influência do cristianismo. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, Brasília, v. 33, n. 1, e998, p. 1–7, ago. 2022. DOI: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v33.998>. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/998/889. Acesso em: 9 jun. 2025.

GOWAN, Marcela. **@marcelagowan.** *TikTok*, [s.d.]. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@marcelagowan? r=1& t=ZS-91LgdIpAIUe>. Acesso em: 12 nov. 2025.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** Tradução: Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.

LIMA DE OLIVEIRA, Edicleia; REZENDE, Jaqueline Martins; GONÇALVES, Josiane Peres. **História da sexualidade feminina no Brasil: entre tabus, mitos e verdades.** *Revista Ártemis*, [S.l.], v. 26, n. 1, p. 303–314, dez. 2018. DOI: <10.22478/ufpb.1807-8214.2018v26n1.37320>. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/37320/21729>. Acesso em: 9 jun. 2025.

MARCON, Maria Lucimar Domingues. **A masturbação feminina como técnica de autodescoberta.** *Revista da ABRASEX – Associação Brasileira de Profissionais de Saúde, Educação e Terapia Sexual*, n. 1, jul. 2022. Disponível em: <https://www.abrasex.com.br/wp-content/uploads/2022/09/Revista-da-Abrase-n-1-leve-FINAL.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2025.

MELO, Maria Eduarda; SCHMITT, Matheus; TAVARES, Bruno. **A parte que falta: clitóris e sua (sub)representação na ciência e na educação.** *Investigações em Ensino de Ciências*, Porto Alegre, v. 29, n. 2, p. 365–393, 2024. Disponível em: <https://ienci.if.ufrgs.br/index.php/ienci/article/view/3616>. Acesso em: 9 jun. 2025.

MORAES, Bruna Carvalho. **Instagram: uma nova modalidade do jornalismo.** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/3676>. Acesso em: 9 jun. 2025.

NUNES, Mirian Aparecida Meliani. **Relatos da informação nas redes sociais digitais: caminhos alternativos da produção e distribuição de notícias.** 2018. 204 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

OLIVEIRA, Lorena de. **A sexualidade feminina no Brasil: controle do corpo, vergonha e má-reputação.** *Revista Direito e Sexualidade*, Salvador, v. 1, n. 2, p. 99–117, jun./dez. 2020. DOI: <10.9771/revdirsex.v1i2.42440>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revdirsex/article/view/42440/0>. Acesso em: 9 jun. 2025.

OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire de; MIGUEL, Raquel de Barros Pinto; JANUÁRIO, Soraya



Barreto (orgs.). **Feminismos, mídia e subjetividades**. Santa Maria: FACOS – UFSM, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/26994>. Acesso em: 13 abr. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Saúde sexual, direitos humanos e a lei**. Porto Alegre: UFRGS, 2020. Disponível em: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/175556/9786586232363-por.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2025.

PECINATO, Beatriz. **Os impactos da criação da pílula anticoncepcional na emancipação da mulher**. *Jornal da USP*, São Paulo, 19 maio 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/actualidades/os-impactos-da-criacao-da-pilula-anticoncepcional-na-emancipacao-da-mulher/>. Acesso em: 9 jun. 2025.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

UNESCO. **Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade: uma abordagem baseada em evidências**. 2. ed. revisada. Paris: UNESCO, 2019. Disponível em: <https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/369308por.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2025.

VIANA, Anna Raquel de Lemos; LIMA, Izabel França de; SOARES, Gilberta Santos. **Informação e empoderamento feminino no Instagram: estudo a partir de coletivos feministas**. *Em Questão*, Porto Alegre, n. 29, e123530, 2023. DOI: <10.1590/1808-5245.29.123530>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/emquestao/a/cbCdMPwjcQK4qwjxSbNRGGq/>. Acesso em: 9 jun. 2025.

VIEGAS, Paula. **Discurso sobre a sexualidade feminina em mídias digitais: o caso Vagina Sem Neura**. 2019. Trabalho apresentado no *Intercom – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1388-1.pdf?ut>. Acesso em: 9 jun. 2025.

YAGIHARA, Carolina Tie. **A (in)satisfação sexual feminina**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/28625/1/Carolina%20Tie%20Yagihara%20-%20TCC.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2025.



5. Apêndices

5.1. Roteiro de entrevista com as fontes

Helena Ramos, 73 anos, aposentada

1. Pra você, o que é uma mulher sexualmente livre?
2. O que vem à sua cabeça quando a gente fala em prazer feminino? Pra você, o que é prazer? Observação: deixe ela falar livremente. Se for curto, puxe: “E como você percebe isso no seu dia a dia?”
3. Como era falar sobre sexo e prazer na época da sua juventude? Observação: se ela mencionar repressão ou vergonha, você pode aprofundar: “E como isso afetou sua relação com o próprio corpo?”
4. Você sempre se sentiu livre para viver seu prazer e falar abertamente sobre sexualidade, ou isso mudou com o tempo?
5. Em que momento da vida você começou a explorar mais sua sexualidade? E como você se sentiu? A prática da masturbação faz parte dessa descoberta?
6. Como você descobriu o que gosta ou sente prazer?
7. Como você vivencia o prazer hoje em dia? Se quiser, dá pra deixar ainda mais aberta para ela contar experiências, sentimentos ou mudanças
8. Tem algo que você descobriu sobre o seu corpo depois de mais velha? Ou algo que mudou na sua forma de sentir e viver o prazer?
9. O que você diria para as mulheres mais jovens que ainda sentem vergonha de sentir e falar sobre prazer?
10. O fato da senhora falar abertamente sobre sexo assusta as pessoas? Sente preconceito por conta da idade?

Lauane Martins, Sexóloga, Terapeuta Tântrica e Dona de Sex Shop

1. Antes de tudo, conta pra gente quem é você e o que você faz
2. Sexualidade sempre foi um tema fácil de falar pra você? Ou teve um processo até se sentir à vontade com isso?
3. O que te motivou a trabalhar com o universo da sexualidade?



4. Eu fiz uma coleta com 28 mulheres, e percebi que, ainda há muita culpa, vergonha e desinformação sobre o próprio prazer. Muitas disseram que a maior dificuldade em se permitir e se tocar é principalmente pela criação religiosa. Como trabalhar a culpa e o autoconhecimento nesse contexto?
5. Por onde começar esse processo de autoconhecimento? Pra quem nunca se tocou, por exemplo.
6. Quais são os tipos de estímulo que mais ajudam as mulheres a descobrirem o que gostam?
7. Como o auto toque pode ajudar no autoconhecimento e na autoestima sexual das mulheres?
8. Tem diferença entre “gozar” e ter um “orgasmo”?
9. Muitas relataram que o vibrador foi um divisor de águas. Você acredita que o vibrador realmente transforma a relação da mulher com o prazer?
10. Quais produtos ou práticas você indicaria pra mulheres que querem explorar o próprio prazer?
11. As mulheres procuram você para falar de prazer?
12. Quais as maiores queixas que você escuta relacionadas ao prazer feminino? Tem algum caso específico que você acha interessante compartilhar?
13. E que mensagem você deixaria pra mulheres que ainda sentem vergonha de se tocar, se conhecer ou falar sobre prazer?
14. Como a rotina e o acúmulo de papéis (trabalho, casa, cuidado) impactam diretamente no desejo sexual? Existe alguma forma de resgatar o prazer quando o corpo está em exaustão?
15. O que dizer a uma mulher que nunca se masturbou e sente culpa ou desconforto só de imaginar?

5.2. Capturas de tela do formulário



7:07
◀ Drive docs.google.com — Privado

Você conversa sobre sexualidade/prazer com amigas(os)? Como é essa troca?

Sua resposta

Tem alguma dúvida ou curiosidade sobre prazer feminino que gostaria de ver respondida por uma especialista?

Sua resposta

Esse espaço é para compartilhar o que quiser sobre os temas abordados ou deixar seu contato se topar participar de uma entrevista :)

Sua resposta

Como você autoriza o uso das suas respostas no projeto?

De forma anônima

Pode citar m

[Pedir acesso de edição](#)



7:06
◀ Drive 5G 🔋

docs.google.com — Privado

Quais situações, momentos ou práticas mais te ajudam a sentir prazer?

Sua resposta

Você já sentiu culpa, vergonha ou medo em relação ao prazer sexual? Se sim, pode contar um pouco sobre como foi?

Sua resposta

Qual foi a maior descoberta que você já teve sobre o seu corpo e o prazer?

Sua resposta

Tem algo que você gostaria de viver ou experimentar, mas ainda não conseguiu?

Sua resposta

Pedir acesso de edição

?



7:06
◀ Drive 5G

docs.google.com — Privado

Você já se masturbou? Como foi essa descoberta?

Sua resposta

Com que frequência você se masturba?

- Nunca
- Raramente
- Às vezes
- Frequentemente

Conte um pouco sobre sua relação com a masturbação: se você raramente ou nunca se masturba, o que costuma dificultar? Se você se masturba com frequência, como isso influencia sua relação com prazer, autoconhecimento ou seu bem-estar?

Sua resposta

 Pedir acesso de edição

Quais situações, momentos ou práticas



7:06
◀ Drive 5G 🔋

docs.google.com — Privado

Como você se identifica em relação ao seu gênero?

Mulher cis
 Mulher trans

Qual a sua orientação sexual?

Sua resposta

Como você se identifica em relação à sua raça/cor?

Branca
 Preta
 Parda
 Indígena
 Amarela
 Outra

 Pedir acesso de edição

 Você já se masturbou? Como foi essa



7:06
◀ Drive 5G

docs.google.com — Privado

Prazer em pauta!

Este formulário faz parte do meu TCC em Jornalismo, que será um perfil no Instagram sobre prazer e sexualidade feminina (@prazer.em.pauta). A ideia é coletar relatos e experiências reais de mulheres, que poderão ser usados nos conteúdos do projeto (de forma anônima, se você preferir).

Sua participação é muito importante, mas nenhuma pergunta é obrigatória! Responda aquilo que fizer sentido para você. Não existe resposta certa ou errada: este espaço é só seu, para se expressar com sinceridade e liberdade.

[Faça login no Google](#) para salvar o que você já preencheu. [Saiba mais](#)

Nome completo (se quiser se identificar)

Sua resposta

Qual é a sua idade?

Sua resposta

Pedir acesso de edição



5.3. Captura de tela do perfil

